LIÇÃO 1 - A Matéria Própria desta Ciência: o Ser enquanto Ser, e a Substância e os Acidentes

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulos 1 & 2: 1003a-1003b 22

> *294. Existe uma certa ciência que estuda o ser enquanto ser e os atributos que necessariamente pertencem ao ser.*
>
> *295. Esta ciência não é a mesma que qualquer uma das chamadas ciências particulares; pois nenhuma das outras ciências tenta estudar o ser enquanto ser em geral, mas, recortando alguma parte dele, estudam os acidentes dessa parte. Isto, por exemplo, é o que fazem as ciências matemáticas.*
>
> *296. Ora, como estamos buscando os princípios e as causas últimas das coisas, é evidente que estas devem ser, por si mesmas, as causas de alguma natureza. Portanto, se aqueles que buscaram os elementos dos seres buscaram estes princípios, eles devem ser os elementos dos seres não de modo acidental, mas enquanto são seres. Logo, as primeiras causas do ser enquanto ser também devem ser compreendidas por nós.*
>
> *Capítulo 2*
>
> *297. O termo ser é usado em muitos sentidos, mas sempre com referência a uma coisa e a uma única natureza, e não de modo equívoco. Assim, tudo que é saudável está relacionado à saúde: uma coisa porque preserva a saúde, outra porque a causa, outra porque é um sinal dela (como a urina) e ainda outra porque é receptiva dela. O termo médico está relacionado de modo semelhante à arte da medicina; pois uma coisa é chamada médica porque possui a arte da medicina, outra porque é receptiva dela, e ainda outra porque é o ato daqueles que possuem a arte da medicina. Podemos tomar outras palavras que são*

> *usadas de modo similar a estas. E, de modo semelhante, há muitos sentidos em que o termo ser é usado, mas cada um é referido a um primeiro princípio. Pois algumas coisas são chamadas seres porque são substâncias; outras porque são afecções das substâncias; outras porque são um processo em direção à substância, ou corrupções, ou privações, ou qualidades da substância, ou porque são princípios produtivos ou gerativos da substância, ou de coisas que estão relacionadas à substância, ou a negação de algumas destas ou da substância. Por esta razão também dizemos que o não-ser é não-ser.*
>
> *298. Portanto, assim como há uma única ciência de todas as coisas saudáveis, o mesmo ocorre em outros casos. Pois é função de uma mesma ciência estudar não apenas aquelas coisas que são referidas a uma coisa, mas também aquelas que são referidas a uma única natureza. Pois estas também, em certo sentido, são referidas a uma coisa.*
>
> *299. É evidente, então, que é função de uma única ciência estudar os seres enquanto seres.*
>
> *299a. Mas, em todos os aspectos, uma ciência se ocupa do que é primeiro, e daquilo de que as outras coisas dependem e do qual derivam seu nome. Portanto, se isto é a substância, deve ser das substâncias que o filósofo possui os princípios e as causas.*
>
> *300. Ora, de cada classe singular de coisas há um único sentido e uma única ciência; por exemplo, a gramática, que é uma ciência, estuda todas as palavras. E por esta razão também pertence a uma ciência geral estudar todas as espécies de ser enquanto ser e as espécies destas espécies.*

COMENTÁRIO

O ser e suas propriedades

529. No livro anterior, o Filósofo procedeu tratando dialeticamente as coisas que devem ser consideradas nesta ciência. Aqui, ele começa a proceder demonstrativamente, estabelecendo a resposta verdadeira para as questões que foram levantadas e debatidas dialeticamente.

No livro anterior, ele tratou dialeticamente tanto as coisas que pertencem ao método desta ciência, ou seja, aquelas a que se estende a consideração desta ciência, quanto aquelas que caem sob a consideração desta ciência. E porque é primeiro necessário conhecer o método de uma ciência antes de proceder à consideração das coisas com que ela lida, como foi explicado no Livro II (335), esta parte é, portanto, dividida em dois membros. Primeiro, ele fala das coisas que esta ciência considera; e segundo (749), daquelas que caem sob sua consideração. Ele faz isso no Livro V (“Em um sentido, o termo princípio”).

A primeira parte é dividida em dois membros. Primeiro, ele estabelece qual é o assunto desta ciência. Segundo (534), ele procede a responder às questões levantadas no livro anterior sobre as coisas que esta ciência considera (“O termo ser”).

Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, ele propõe que existe uma ciência cujo sujeito é o ser. Segundo (532), ele mostra que ela não é uma das ciências particulares (“Mas esta ciência”); e terceiro (533), ele mostra que ela é a ciência com a qual estamos agora lidando (“Agora, uma vez que”).

Agora, porque uma ciência deve investigar não apenas seu sujeito, mas também os acidentes próprios de seu sujeito, ele diz, primeiro, que existe uma ciência que estuda o ser enquanto ser, como seu sujeito, e estuda também “os atributos que necessariamente pertencem ao ser”, ou seja, seus acidentes próprios.

530. Ele diz “enquanto ser” porque as outras ciências, que lidam com seres particulares, de fato consideram o ser (pois todos os sujeitos das ciências são seres), mas não consideram o ser enquanto ser, e sim como algum tipo particular de ser, por exemplo, número ou linha ou fogo ou algo semelhante.

531. Ele também diz “e os atributos que necessariamente pertencem ao ser”, e não apenas aqueles que pertencem ao ser, para mostrar que não é tarefa desta ciência considerar os atributos que pertencem acidentalmente ao seu sujeito, mas apenas aqueles que pertencem necessariamente a ele. Pois a geometria não considera se um triângulo é de bronze ou de madeira, mas apenas o considera em sentido absoluto, conforme tem três ângulos iguais a dois ângulos retos. Portanto, uma ciência deste tipo, cujo sujeito é o ser, não deve considerar todos os atributos que pertencem acidentalmente ao ser, porque então consideraria os acidentes investigados por todas as ciências; pois todos os acidentes pertencem a algum ser, mas não enquanto é ser. Pois os acidentes que são os acidentes próprios de uma coisa inferior estão relacionados de maneira acidental a uma coisa superior; por exemplo, os acidentes próprios do homem não são os acidentes próprios do animal.

Agora, a necessidade desta ciência, que considera o ser e seus acidentes próprios, é evidente pelo fato de que tais coisas não devem permanecer desconhecidas, uma vez que o conhecimento de outras coisas depende delas, assim como o conhecimento de objetos próprios depende do conhecimento de objetos comuns.

532. **Esta ciência** (295).

Então, ele mostra que esta ciência não é uma das ciências particulares, e usa o seguinte argumento. Nenhuma ciência particular considera o ser universal como tal, mas apenas alguma parte dele separada das outras; e sobre esta parte, estuda os acidentes próprios. Por exemplo, as ciências matemáticas estudam um tipo de ser, o ser quantitativo. Mas a ciência comum considera o ser universal enquanto ser, e, portanto, não é a mesma que qualquer uma das ciências particulares.

533. **Agora, uma vez que** (296).

Aqui, ele mostra que a ciência com a qual estamos lidando tem o ser como seu sujeito, e usa o seguinte argumento. Todo princípio é por si mesmo o princípio e causa de alguma natureza. Mas estamos buscando os primeiros princípios e as causas últimas das coisas, como foi explicado no Livro I (57), e, portanto, estes são por si mesmos as causas de alguma natureza. Mas esta natureza só pode ser a natureza do ser. Isso é claro pelo fato de que todos os filósofos, ao buscar os elementos das coisas enquanto seres, buscaram princípios deste tipo, ou seja, os primeiros e últimos. Portanto, nesta ciência, estamos buscando os princípios do ser enquanto ser. Assim, o ser é o sujeito desta ciência, pois toda ciência busca as causas próprias de seu sujeito.

Ele se aplica analogicamente às diferentes categorias.

534. **O termo "ser"** (297).
Em seguida, ele procede a responder às questões levantadas no livro anterior sobre as coisas que esta ciência considera, e isso é dividido em três partes. Primeiro, ele responde à questão se esta ciência considera substâncias e acidentes juntos, e se considera todas as substâncias. Segundo (548), ele responde à questão se pertence a esta ciência considerar todos os seguintes: um e muitos, mesmo e diferente, opostos, contrários e assim por diante ("Agora, embora"). Terceiro (588), ele responde à questão se pertence a esta ciência considerar os princípios da demonstração ("Além disso, é necessário").

Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, mostra que é ofício desta ciência considerar tanto as substâncias quanto os acidentes. Segundo (546), mostra que esta ciência se ocupa principalmente das substâncias ("Mas em todos os aspectos"). Terceiro (547), mostra que pertence a esta ciência considerar todas as substâncias ("Ora, de toda").

Em relação à primeira parte, ele usa este tipo de argumento: aquelas coisas que possuem um termo predicado delas em comum, não univocamente, mas analogamente, pertencem à consideração de uma única ciência. Mas o termo *ente* é assim predicado de todos os entes. Portanto, todos os entes, i.e., tanto as substâncias quanto os acidentes, pertencem à consideração de uma única ciência que considera o ente enquanto ente.

535. Ora, neste argumento ele apresenta, primeiro (535), a premissa menor; segundo (544), a premissa maior ("Portanto, assim como"); e terceiro (545), a conclusão ("É evidente, então").

Ele diz, portanto, primeiro, que o termo *ente*, ou *o que é*, tem vários significados. Mas deve-se notar que um termo é predicado de coisas diferentes em sentidos diversos. Às vezes é predicado delas segundo um significado inteiramente idêntico, e então se diz que é predicado delas *univocamente*, como *animal* é predicado de um cavalo e de um boi. Às vezes é predicado delas segundo significados inteiramente diferentes, e então se diz que é predicado delas *equivocamente*, como *cão* é predicado de uma estrela e de um animal. E às vezes é predicado delas segundo significados parcialmente diferentes e parcialmente não (diferentes na medida em que implicam relações diferentes, e idênticos na medida em que essas relações diferentes se referem a uma mesma e única coisa), e então se diz que é predicado *analogamente*, i.e., proporcionalmente, conforme cada uma, por sua própria relação, se refere a essa mesma e única coisa.

536. Deve-se notar também que a coisa una à qual as diferentes relações se referem, no caso das coisas análogas, é numericamente una e não apenas una em significado, que é o tipo de unidade designada por um termo unívoco. Por isso ele diz que, embora o termo *ente* tenha vários sentidos, ainda assim não é predicado equivocamente, mas em referência a uma coisa; não a uma coisa que é una meramente em significado, mas a uma que é una como uma única natureza definida. Isso é evidente nos exemplos dados no texto.

537. Primeiro, ele dá o exemplo de muitas coisas estarem relacionadas a uma coisa como a um fim. Isso é claro no caso do termo *saudável* ou *salutífero*. Pois o termo *saudável* não é predicado univocamente de alimento, medicina, urina e um animal; porque o conceito de *saudável* aplicado a alimento significa algo que preserva a saúde; e aplicado a medicina significa algo que causa a saúde; e aplicado a urina significa algo que é um sinal de saúde; e aplicado a um animal significa algo que é o recipiente ou sujeito da saúde. Portanto, todo uso do termo *saudável* se refere a uma mesma e única saúde; pois é a mesma saúde que o animal recebe, que a urina é sinal, que a medicina causa e que o alimento preserva.

538. Segundo, ele dá o exemplo de muitas coisas estarem relacionadas a uma coisa como a um princípio eficiente. Pois uma coisa é chamada *médica* porque possui a arte da medicina, como o médico habilidoso. Outra é chamada *médica* porque está naturalmente disposta a ter a arte da medicina, como os homens que são assim dispostos para que possam adquirir a arte da medicina facilmente (e segundo isso, alguns homens podem se envolver em atividades médicas como resultado de uma constituição natural peculiar). E outra é chamada *médica* ou *medicinal* porque é necessária para a cura, como os instrumentos que os médicos usam podem ser chamados de médicos. O mesmo também é verdadeiro para as coisas chamadas *medicamentos*, que os médicos usam para restaurar a saúde. Outros termos que se assemelham a estes por terem muitos sentidos podem ser entendidos de maneira similar.

539. E assim como os termos mencionados acima têm muitos sentidos, também o termo *ente*. No entanto, todo ente é chamado tal em relação a uma primeira coisa, e esta primeira coisa não é um fim ou uma causa eficiente, como nos exemplos anteriores, mas um sujeito.

Pois algumas coisas são chamadas de entes, ou se diz que *são*, porque têm o ser por si mesmas, como as substâncias, que são chamadas de entes no sentido primário e próprio. Outras são chamadas de entes porque são afecções ou propriedades das substâncias, como os acidentes próprios de qualquer substância. Outras são chamadas de entes porque são processos em direção à substância, como a geração e o movimento. E outras são chamadas de entes porque são corrupções das substâncias; pois a corrupção é o processo em direção ao não-ser, assim como a geração é o processo em direção à substância. E como a corrupção termina na privação, assim como a geração termina na forma, as próprias privações das formas substanciais são apropriadamente chamadas de entes. Novamente, certas qualidades ou certos acidentes são chamados de entes porque são princípios produtivos ou gerativos de substâncias ou daquelas coisas que estão relacionadas à substância segundo uma das relações anteriores ou qualquer outra relação.

E similarmente, as negações daquelas coisas que estão relacionadas às substâncias, ou mesmo da própria substância, também são chamadas de entes. Daí dizemos que o *não-ente é não-ente*. Mas

isso não seria possível a menos que uma negação possuísse ser de alguma forma.

540. Mas deve-se notar que os modos de ser mencionados acima podem ser reduzidos a quatro.

(1) Pois um deles, que é o mais imperfeito, i.e., a negação e a privação, existe apenas na mente. Dizemos que estes existem na mente porque a mente se ocupa deles como tipos de ser enquanto afirma ou nega algo sobre eles. Em que aspecto a negação e a privação diferem será tratado abaixo (564).

541. (2) Há outro modo de ser na medida em que a geração e a corrupção são chamadas de entes, e este modo, por razão de sua imperfeição, se aproxima do anterior. Pois a geração e a corrupção têm alguma mistura de privação e negação, porque o movimento é um tipo imperfeito de atualidade, como é afirmado na *Física*, Livro III.

542. (3) O terceiro modo de ser não admite mistura de não-ser, mas ainda é um tipo imperfeito de ser, porque não existe por si mesmo, mas em outra coisa, por exemplo, as qualidades e quantidades e as propriedades das substâncias.

543. (4) O quarto modo de ser é aquele que é o mais perfeito, a saber, o que tem ser na realidade sem qualquer mistura de privação, e tem ser firme e sólido na medida em que existe por si mesmo. Este é o modo de ser que as *substâncias* têm. Ora, todos os outros são reduzidos a este como o modo primário e principal de ser; pois as qualidades e quantidades são ditas ser na medida em que existem nas substâncias; e os movimentos e gerações são ditos ser na medida em que são processos que tendem para a substância ou para algum dos anteriores; e as negações e privações são ditas ser na medida em que removem alguma parte dos três anteriores.

544. **Portanto, assim como** (298).

Aqui ele apresenta a premissa maior do primeiro argumento. Ele diz que é função de uma ciência estudar não apenas aquelas coisas que são referidas "a uma coisa", ou seja, a uma noção comum, mas também aquelas que são referidas a uma natureza única segundo diferentes relações. E a razão para isso é que a coisa à qual são referidas é una; assim como é claro que uma ciência, a medicina, considera todas as coisas que promovem a saúde. O mesmo vale para outras coisas que são tratadas da mesma maneira.

545. **É evidente** (299).

Então ele extrai sua conclusão pretendida. Isso é evidente por si mesmo.

546. **Mas em toda** (299a).

Em seguida, ele mostra que esta ciência, embora considere todos os entes, ocupa-se principalmente das substâncias. Ele usa o seguinte argumento. Toda ciência que trata de muitas coisas referidas a uma coisa principal ocupa-se própria e principalmente daquela coisa principal da qual as outras dependem para existir e da qual derivam seu nome; e isso é verdade em todos os casos. Mas a substância é o tipo primário de ente. Logo, o filósofo que considera todos os entes deve considerar primária e principalmente os princípios e causas das substâncias. Portanto, sua

consideração estende-se primária e principalmente às substâncias.

547. **Agora, de toda** (300).

Então ele mostra, pelo seguinte argumento, que é tarefa do primeiro filósofo considerar todas as substâncias. Há um sentido e uma ciência para todas as coisas pertencentes a uma classe; por exemplo, a visão ocupa-se de todas as cores, e a gramática de todas as palavras. Portanto, se todos os entes de alguma forma pertencem a uma classe, todas as espécies de ente devem pertencer à consideração de uma ciência que é uma ciência geral, e diferentes espécies de ente devem pertencer às diferentes espécies dessa ciência. Ele diz isso porque não é necessário que uma ciência considere todas as espécies de um gênero segundo as notas especiais de cada espécie individual, mas apenas na medida em que concordam genericamente. Mas, segundo suas notas específicas, as diferentes espécies de um gênero pertencem às ciências especiais, como ocorre no presente caso. Pois, na medida em que todas as substâncias são entes ou substâncias, pertencem à consideração desta ciência; mas, na medida em que são um tipo particular de substância, como um leão ou um boi, pertencem às ciências especiais.

Revision #3
Created 7 September 2026 23:33:27 by Admin
Updated 13 September 2026 16:27:35 by Admin